

LIVRO #1 DE LENDAS DE VAMPIROS

P
R
O
M
E
T
E
D
O
R
A

EMMA KNIGHT

PROMETEDORA

(livro #1 de Lendas de Vampiros)

emma knight

Direitos reservados© 2011 por Emma Knight

Todos os direitos reservados. Exceto como permitido pela lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por nenhuma forma ou meio, ou armazenada em banco de dados ou em sistemas de recuperação, sem a permissão prévia do autor.

Este e-book está disponível somente para seu uso pessoal. Este e-book não deve ser revendido nem doado a outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia adicional para cada um. Se você está lendo este livro e não pagou por ele, ou se este não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho deste autor.

Este é um trabalho fictício. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais e incidentes são frutos da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Livros de Emma Knight

PROMETEDORA (Livro #1 de Lendas de Vampiros)

CONQUISTADA (Livro #2 de Lendas de Vampiros)

MORDIDA (Livro #3 de Lendas de Vampiros)

ESCOLHIDA (Livro #4 de Lendas de Vampiros)

REVIVIDA (Livro #5 de Lendas de Vampiros)

CAÍDA (Livro #7 de Lendas de Vampiros)

ÍNDICE

[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)
[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo Sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)
[Capítulo Dez](#)
[Capítulo Onze](#)
[Capítulo Doze](#)

Capítulo Um

Rachel Wood se sentou na parte de trás da camioneta de 1997 de sua família, odiando sua vida. À sua direita, estava seu irritante irmão mais novo, Mark e, à sua esquerda, sua irmã mais velha, Sarah, que estava ali cantarolando em voz alta uma música pop que podia ser ouvida através dos fones de ouvido de seu iPod. Quando o pai de Rachel ligou o sinal de seta e fez a última curva da rodovia, Rachel respirou fundo, segurou o ar e então o soltou em um suspiro alto. Ela não conseguia acreditar que sua família estava obrigando-a a se mudar bem naquele momento. No colegial.

Rachel não podia evitar que seus pensamentos vagassem para lugares assustadores. E se ela não fizesse nenhum amigo? E se as pessoas tirassem sarro dela? E se ela não se adaptasse ou se achassem suas roupas esquisitas? Ela temia que sua irmã zombasse dela nos corredores e que seu irmão a constrangesse ainda mais, Rachel também estava preocupada que seus pais superprotetores e extremamente zelosos a mortificassem.

O pai dela virou à esquerda em uma estrada longa e sinuosa.

É isso? Rachel se perguntou.

O carro continuou em frente, fazendo o seu caminho através do centro da cidade. Do outro lado da janela, Rachel viu uma pizzaria, uma loja de aluguel de filmes, um salão de beleza e uma loja Hallmark com balões e cartões na vitrine. Ela também notou um café e uma loja de roupas com roupas de “mãe” penduradas em exposição.

Enquanto o carro avançava lentamente através da cidade, Rachel viu algumas pessoas: uma senhora andando na calçada empurrando um carrinho de criança; um homem

e seus dois filhos, vestindo uma camisa de futebol azul da AYSO e chuteiras pretas de futebol. Rachel também viu um grupo de adolescentes, um deles vestia um suéter com um tigre, onde se lia “CA”.

Rachel reconheceu as letras da carta que tinha recebido algumas semanas antes, dando-lhe as boas-vindas ao Colégio Apache. Ela suspirou e se perguntou se aqueles poderiam ser seus novos amigos.

Rachel olhou para os adolescentes da cabeça aos pés e sentiu um buraco abrir em seu estômago. Ver aqueles jovens a fez se sentir ainda mais nervosa sobre seu primeiro dia na escola, no dia seguinte.

Ela estava com vergonha por seu pai estar dirigindo tão lentamente pela cidade. Será que ele não sabia como era ridículo andar tão devagar pelas ruas? Rachel pensou. Ela enterrou a cabeça entre as pernas até sentir o carro pegar velocidade.

A família dirigiu por mais cinco minutos, descendo uma rua suburbana. Ela notou cada casa enquanto eles se locomoviam e ficou surpresa com o que viu. Aquelas casas eram muito diferentes das casas de sua cidade anterior: elas eram grandes e opulentas, tinham vias de entrada de automóveis longas e circulares e algumas até tinham colunas que tinham que ser cruzadas para se alcançar a entrada da garagem.

Onde estamos?

À medida que se aproximava o fim da rua, o pai de Rachel pisava nos breques. Sarah tirou os fones de seus ouvidos e ergueu os olhos de seu colo.

Mark apontou e perguntou: “É isto?”

O buraco no estômago de Rachel afundou ainda mais quando ela pensou sobre sua nova casa pela primeira vez. Ela se perguntou como seria sua aparência, se perguntou se ela teria que dividir novamente um quarto com Sarah e se perguntou este quarto seria.

“Número 42, Rua dos Pinheiros!” O pai de Rachel anunciou ansiosamente.

Os pensamentos de Rachel foram abruptamente interrompidos quando eles entraram em sua nova garagem.

Lar.

Rachel examinou a casa enquanto seu pai estacionava. Aquela casa era diferente das outras em sua rua: era uma casa branca com persianas negras, era mais modesta, sem pilares na entrada e nenhuma entrada de automóveis circular. A casa tinha uma porta da frente vermelha, com uma grande argola de bronze no formato de um leão.

Quando Rachel saiu do carro, ela respirou fundo e pegou sua mala de viagem. Ela correu para dentro, junto com Sarah e Mark, para ver os quartos. Sarah deu uma cotovelada em Rachel empurrando-a, quando elas voaram pela porta da frente.

“Eu vou ficar com o quarto maior!” Sarah gritou.

Sarah correu para cima, atravessou pelo corredor e fechou a porta. Mark passou correndo ao lado de Rachel, derrubando a mala de suas mãos, e disparou para um dos quartos, batendo a porta com força em seguida.

Quando Rachel chegou ao topo da escada, ela viu uma porta aberta, o único quarto com porta aberta, ela entrou e colocou a mala no chão. Seu quarto era pequeno, mas pelo menos era dela. Ela estava contente de não ter mais que aguentar Sarah e suas obsessões musicais irritantes.

Poucos segundos depois, Rachel ouviu uma batida na porta.

“Depressa, está pesado”, a voz da mãe de Rachel estava abafada.

“Rachel!”

Rachel abriu a porta e encontrou sua mãe segurando uma caixa de papelão grande, onde se lia *Coisas da Rachel* em letras grossas e pretas feitas com uma caneta Sharpie. Sua mãe colocou a caixa bem no meio do quarto, olhou

para Rachel e disse: “Não se preocupe, querida, você vai começar a gostar daqui, eu prometo.”

Rachel encolheu os ombros em resposta à sua mãe e resmungou: “Tanto faz.”

Rachel estava chateada com seus pais desde que eles haviam anunciado que eles iriam se mudar, algumas semanas atrás. A novidade veio em uma noite das férias de verão, enquanto sua família estava em Virginia Beach. Seus pais estavam agindo estranho durante toda a viagem e Rachel tinha a sensação de que algo estava acontecendo. No início, ela pensou que talvez sua mãe estivesse grávida, mas ela nunca poderia imaginar que seria algo que a envolvesse também.

Rachel tinha vivido na Pensilvânia toda a sua vida, na mesma cidade, na mesma casa e no mesmo quarto desde que ela era um bebê. Ela nunca teria previsto aquela mudança, especialmente durante o ensino médio.

“Vamos ver”, disse Raquel respondendo.

A mãe de Rachel saiu de seu quarto e fechou a porta atrás dela.

BIP BIP BIP.

Rachel olhou pela janela e viu um grande caminhão branco dando ré em sua garagem, com um “Mudanças e Transportes AL” impresso na lateral. O bipe parou e dois homens saíram do caminhão e abriram a porta de trás.

Rachel viu o descarregamento de caixa após caixa. Ela não podia deixar de sentir que toda a sua vida tinha sido abruptamente arrancada e colocada em caixas, tudo porque seu pai fora transferido.

Rachel viu sua mãe e seu pai conversando com os motoristas enquanto rotulavam cada caixa com post-its coloridos, para que os homens soubessem exatamente em qual sala deveriam deixar cada caixa.

Apesar de Rachel estar brava, ela também estava ansiosa para ver sua nova casa. Ela caminhou calmamente para fora de seu quarto e desceu os degraus. Ela não

queria que sua família notasse sua curiosidade nem soubesse que ela animada para dar uma olhada por lá.

Quando ela chegou no fim das escadas, virou à esquerda e entrou na sala de estar. Viu uma lareira e duas grandes janelas. A mente de Rachel começou a vagar, pensou em celebrar o Natal naquela sala, colocar a árvore no canto e decorá-la. A sala estava vazia, com exceção de algumas caixas empilhadas ao longo da parede.

Rachel continuou andando pela sala de estar, que se juntava a um outro aposento. Era uma sala iluminada com uma janela da sacada, que ficava de frente para o gramado da fachada. Rachel achou que lá era a sala de jantar, mas não tinha certeza. Aquela sala era pintada de uma cor marrom feia, que Rachel não havia gostado.

Depois que Rachel saiu da sala marrom, ela entrou na cozinha. Acendeu a luz e olhou em volta. Ela se sentiu deprimida com os armários de fórmica preta e o piso escuro de linóleo. Havia um cheiro de cigarro na cozinha. Isso a fez sentir ainda mais falta de sua antiga casa.

Rachel continuou explorando os aposentos e banheiros e sentiu uma espécie de saudades que ela jamais pensou que pudesse sentir por uma casa. Ela nunca havia percebido como era apegada à sua velha casa na Pensilvânia.

Rachel ouviu os homens da mudança entrando pela porta da frente, as vozes de seus pais os direcionava enquanto eles carregavam caixas, móveis, cadeiras, molduras, a TV e o computador. Rachel tinha visto o suficiente e subiu as escadas sem que ninguém a percebesse.

Ela fechou a porta de seu quarto e se sentou no chão ao lado de sua caixa. Ela fuçou sua mochila azul marinho da Kipling para encontrar seu chaveiro: ela sabia que tinha uma pequena tesoura pendurada nele. Ela cortou a fita de sua caixa para abri-la, pensando em como estaria o seu conteúdo.

Rachel lembrou que ela havia ficado furiosa ao ter que arrumar seu quarto, por isso ela tinha apenas jogado as coisas na caixa, sem qualquer cuidado ou preocupação. Quando ela abriu as abas de papelão, não ficou surpresa com a bagunçava que a aguardava. Era como se toda a sua vida estivesse colocada em uma caixa de papelão.

No topo, havia algumas fotos empoeiradas dela e de seu grupo de amigos da Pensilvânia. Ela sentia falta de seus amigos e nunca poderia ter imaginado que seria separada deles. Ela não fazia parte do grupo popular de sua escola e nunca fizera, mas Rachel amava seus amigos de qualquer maneira. Seus amigos eram simples, sem frescura, sem drama.

Aquela foto em especial era uma das favoritas de Rachel: ela havia sido tirada na Feira Holandesa durante a primavera passada, um festival com passeios e jogos e as pessoas usavam roupas do período colonial. Era um lugar bem maluco, mas todo ano Rachel ficava ansiosa para visitar.

Rachel pegou outra foto e sentiu um nó em sua garganta. Era ela e sua melhor amiga, Dana, abraçadas e sorridentes. As duas eram inseparáveis desde que se conheceram na quinta série. Elas estavam no mesmo time de voleibol, tênis e futebol na escola e as duas estavam esperando para tentar uma vaga de líder de torcida do time do colégio no outono. Elas amavam ir às compras juntas no shopping, na Pensilvânia. Suas lojas favoritas eram JCPenney, Aeropostale, Gap e American Eagle. Elas também adoravam fazer compras no Wal-Mart e sempre conseguiam encontrar acessórios bonitos lá.

Uma lágrima caiu sobre a foto. Rachel rapidamente a limpou, mas havia deixado uma mancha no centro da foto.

Rachel colocou a imagem para baixo e começou a chorar. Ela odiava aquela casa, ela havia perdido seus amigos, estava com raiva de seus pais e não podia aceitar que o dia seguinte seria seu primeiro dia no CA.

Os pensamentos de Rachel foram interrompidos por uma canção alta da Britney Spears explodindo através de suas paredes.

Ugh, eu não suporto ela.

Rachel se levantou e caminhou até uma porta do seu quarto, que ela imaginava ser o armário, ela a abriu e viu Sarah ali de pé, cantando em voz alta e dançando ao som da música. O coração de Rachel apertou com a visão: elas tinham um banheiro compartilhado.

“Shame on me, to need release, un-uncontrollably... I I I wanna go o o all the way ay ay takin’ out my freak tonight.”

Rachel não podia acreditar; ela realmente tinha um banheiro compartilhado? Como se as coisas não pudessem ter começado pior.

Rachel bateu a porta. Sarah era o contrário de Rachel; Sarah era uma garota feminina, popular e querida por todos. Ela tinha um namorado gato e mais velho, que estava na faculdade e os dois conversavam sobre se casar. Sarah era magra, tinha cabelos loiros, olhos azuis e tinha sempre as unhas perfeitamente pintadas. Ela amava música pop, dança e canto e não se atrevia jogar um esporte de contato. Sarah era bonita e madura, nenhuma característica que definisse Rachel.

Não, Rachel era inteligente, tinha cabelo castanho, peso médio (nem magra, nem acima do peso). Ela tinha boa aparência, mas nunca se considerava bonita. Rachel adorava esportes e estar em contato com a natureza. Ela era uma menina boa e sempre obedecia as regras. Ela tinha um punhado de bons amigos, mas não era do grupo de populares. E nunca tinha tido um namorado, embora tivesse várias paixões.

Então, dizer que as duas não se entediam seria um eufemismo. Rachel foi até a sua caixa de coisas e vasculhou, em busca de seu diário. Ela escrevia em seu diário todas as noites desde a 7ª série e não queria que aquela noite fosse diferente.

Rachel o encontrou escondido no fundo da caixa e soprou sua capa para tirar poeira. Seu diário era sua vida. De veludo roxo, com um crânio na parte dianteira, era grosso e pesado, cheio de recados de amigos, canhotos de ingressos e imagens coladas no interior. Rachel usava a chave de prata de seu diário em torno de seu pescoço e nunca a tirava. Ela era uma garota muito reservada e preferia morrer do que ter seu diário lido por alguém.

Rachel levantou seu diário perto de seu colar e, em seguida, abriu a fechadura em forma de coração. Ela tinha se tornado uma mestre em abri-lo calmamente enquanto mantinha a chave pendurada em seu colar.

Ela pegou sua caneta favorita da caixa e se inclinou para escrever:

Querido Diário,

Hoje foi o pior dia da minha vida. Estou sentada aqui no meu novo quarto, vendo todas as fotos com meus amigos e eu percebi que não tenho nenhum amigo aqui em Westchester. Nenhum. A escola começa amanhã e eu estou com medo. Aposto que ninguém vai querer falar comigo. Falei com a Dana e todos eles estão aproveitando a última noite de festa de verão hoje, enquanto eu estou sentada aqui, neste quarto frio e vazio. Deus, as coisas poderiam ficar pior? Vou escrever mais amanhã para que você saiba como a escola foi - se eu aguentar o dia.

Beijos,

Rachel

Rachel abaixou seu diário e caiu em sua cama macia. Ela colocou a cabeça no travesseiro de penas e puxou o cobertor listrado vermelho e branco sobre sua cabeça. Rachel estava cansada demais para chorar, mas muito ansiosa para adormecer. Ficou acordada, imaginando sem parar diferentes cenários de como seu primeiro dia de aula seria. Cada cenário era mais assustador que o outro.

Por volta da uma da manhã, Rachel adormeceu.

